

DISCURSO DO PROFESSOR OSCAR MARTINS GOMES

"Para mim a data de hoje se reveste de extraordinária significação, não só em face da presente cerimônia como também porque se celebra o aniversário de Curitiba, onde nasci, cresci e donde me afastei somente aos vinte e quatro anos. Aqui estudei nos cursos primário e secundário, aqui comecei a trabalhar ainda bem jovem, habilitando-me em concursos públicos, e aqui, pelo casamento, me fiz tronco da minha prole. Em Curitiba me liguei, na adolescência, a companheiros de geração, para as primeiras atividades literárias, fundando uma revista que marcou época. E nessa fase manifestou-se, no nosso grupo, a aspiração por um curso superior. Não contávamos com recursos para ir estudar no Rio de Janeiro ou São Paulo, capitais procuradas por outros conterrâneos.

Mas, o entusiasmo nativo e os esforços de cidadãos empreendedores e dotados de alto senso cívico, como Vitor do Amaral, Nilo Cairo e outros, suprindo, com seu dinamismo, fé e audácia, as deficiências da cidade, então com sessenta mil habitantes apenas, incentivaram aqueles beneméritos varões a promover, em fins de 1912, a criação de cursos superiores, reunidos em Universidade. Porém a notável realização, nos seus primeiros anos, batida pelos vendavais de tantos obstáculos do oficialismo federal quase sosso-brou. Contudo, aqueles persistentes pioneiros, entre os quais quero mencionar o nome de Arthur Obino nessa luta, jamais fraquejaram, até poderem ver afinal reconhecidas, naquela alta esfera, as faculdades em funcionamento.

De modo que, já no início de 1913, quando a recém-fundada instituição abriu as portas na sua pobre instalação à rua Comendador Araujo, em modesta casa já tombada como monumento histórico, fui dos primeiros crentes a procurar seu amparo educacional. Eramos vinte e tantos, ao todo, no primeiro ano de Direito, turma inscrita até o quinto ano. Na falta, já assinalada, de reconhecimento federal, eu e outros colegas, beneficiando-nos de recente disposição de lei, que visava aniquilar as faculdades particulares, fomos levados a revalidar, perante um estabelecimento reconhecido pela

União, mediante novos exames, as matérias já estudadas, a fim de poder obter diploma válido.

E tal exigência que, para nós, esforçados postulantes, e para nossa terra, poderia constranger, causar mesmo vexame, passou a constituir mais tarde, como atualmente, motivo de orgulho, ante a grandiosidade deste máximo empreendimento cultural da terra dos pinheirais, que é a Universidade Federal do Paraná.

Não tardou muito para que o novo bacharel, depois de permanecer vários anos no Rio de Janeiro, exercendo funções públicas, ante as necessidades emergentes, com aumento da família, voltasse a Curitiba, como era sua aspiração, para aqui, confiante na própria capacidade de ação pessoal, até hoje ainda não esmorecida, abrir caminho na advocacia.

E fui bem sucedido, conseguindo, em poucos anos, bom conceito profissional e mantendo-o, em meio à consideração confortadora de outros colegas, de juízes, desembargadores e serventuários. Patrocinei causas importantes, fui advogado de grandes empresas e dos bancos mais conceituados, quando eles eram poucos e iam aumentando em número. E as oportunidades me proporcionaram novas posições.

Quando, em consequência de um movimento revolucionário, se instalou em 1945 um governo provisório no país, sob a égide do Poder Judiciário, constituiu para mim motivo da maior honra ser investido na alta função de Secretário do Interior, Justiça e Segurança. E isso não tanto em face do prestígio do cargo, de exercício transitório, mas por ter sido distinguido para o mesmo pelo novo Interventor, o desembargador Clotário de Macedo Portugal, alçado a essa função como presidente do Tribunal de Justiça do Estado e cuja respeitabilidade se pode aquilatar ainda melhor sabendo que é o único magistrado até hoje homenageado no recinto daquele areópago com um busto em bronze, ao lado do de Rui Barbosa.

Minha responsabilidade na investitura se ligava sobretudo à circunstância de caber-me a missão de superintender, no Estado, a eleição para Presidente da República, após o interregno de quinze anos de ditadura do Presidente Getúlio Vargas, vulto marcante na marcha ascensional do Brasil. E eu, participante de uma administração oriunda daquela mudança, timbrei em proclamar sua imparcialidade no pleito, difundindo a seguinte afirmação, jamais adotada em outras épocas: "O Governo não tem candidato. Cada cidadão votará livremente no candidato de sua preferência".

O ano de 1945, destaco como o período áureo da minha vida, não somente por causa daquela investidura, como porque marca o meu ingresso nesta Universidade, como professor interino, a insistente convite dos meus amigos, de saudosa memória, drs. João de Macedo Filho e Ernani Cartaxo, na ocasião diretor e secretário da Faculdade de Direito, para lecionar na cadeira de Direito Internacional Privado, vaga pelo falecimento de seu primeiro titular. Acontecera pouco antes não haver atingido seu objetivo o concurso realizado e de cuja banca eu participara como jurista, extranho à casa, por escolha da mesma diretoria.

Sobreveio em 1948 novo concurso público de provas, entre as quais a de defesa de tese, para preenchimento definitivo da cátedra, e nele me inscrevi como candidato único. Matéria complexa, de aplicação menos frequente nas esferas da advocacia e da magistratura, não atraiu outros concorrentes. Mesmo assim, complementando os conhecimentos já consolidados no período da interinidade, apliquei-me mais ao estudo e enfrentei as provas perante respeitável banca examinadora, da qual participavam professores do Rio de Janeiro e de São Paulo. E conquistei, assim, a cátedra universitária.

Nos encargos propriamente do ensino, além das aulas habituais, lecionei também no curso de doutorado, de duração efêmera. Fui paraninfo e patrono de turmas de bacharelados, proferi conferências e aulas inaugurais, e, empenhando-me no estudo do direito comparado, cooperei precipuamente no respectivo Instituto, de âmbito universitário. E participei de bancas examinadoras em concursos de diferentes cátedras, inclusive fora do Paraná, tocando-me, às vezes, a presidência da mesa.

Nesta suscinta lembrança, abrangendo oportunidades oferecidas ao meu feitio versátil, no seu sentido mais bem visto, mencionarei ainda minhas atividades paralelas, em associações múltiplas, de finalidades quer jurídicas, quer culturais, literárias, artísticas, recreativas e de serviço, nelas em geral honrado com a função de presidente, relativa e compatível, consoante expressivos registros em atas, fascículos, albuns ilustrados e revistas.

Valorizei sempre, porém, e cada vez mais minhas ocupações no terreno jurídico, com a produção frequente de artigos, ensaios e dissertações, e respectiva publicação em revistas especializadas do Rio, São Paulo e Curitiba, no Anuário da Universidade e na Revista da Faculdade de Direito, da qual fui um dos redatores, durante vários anos. Publiquei um livro didático, através da Editora Saraiva, em duas edições, com um apêndice na primeira contendo cinco es-

tudos. Participei de congressos nacionais e internacionais, conforme informam os respectivos anais e publicações avulsas, em português em francês.

Somando desse modo ações de dinamismo e utilidade, não quero entretanto, afinal, usar a imagem da bola de neve, com aglutinação de camadas superpostas e paradas. Mas, apreciador da grande música, prefiro comparar esse contínuo acréscimo de realizações, sucessivas ou concomitantes, ao conhecido e admirado Bolero de Ravel. O mesmo tema, principiando com a humilde clarineta, vai aos poucos se enriquecendo pela participação gradativa dos demais instrumentos da orquestra, num belíssimo crescendo, para com a entrada final dos metais de percussão, explodir na apoteose final, como uma visão da glória.

Forçando um tanto a imagem, eu, reportando-me agora, novamente aos idos de 1912, considero uma apoteose, para mim, o recebimento da alta dignidade de professor emérito, nesta solenidade, com o complemento ainda de uma placa de bronze no antigo edifício da Universidade.

Manifesto assim minha gratidão aos meus colegas e amigos do corpo docente do curso de Direito, ao Colendo Conselho Setorial, que fez a indicação do meu nome, e ao egrégio Conselho Universitário, que a acolheu unanimemente. Agradeço ainda as palavras de apreço do Magnífico Reitor Theodócio Atherino, bem como ao meu dileto amigo professor Ary Florêncio Guimarães, pelas suas palavras de saudação, neste ato, bem assim a sua valiosa contribuição para a distinção que me foi conferida. E, por último, meus vibrantes agradecimentos a quantos, nesta passagem culminante da minha vida, vieram bondosamente trazer-me seu confortador aplauso".

Placa de bronze no antigo prédio da U F P

A 31 de março de 1976, dois dias após a solenidade na Reitoria, teve lugar a inauguração da placa de bronze no saguão do primeiro andar do histórico edifício da Universidade, à praça Santos Andrade, onde sempre funcionou a Faculdade de Direito.

A placa encimada com o emblema universitária, contém os seguintes dizeres, linha a linha: "Universidade Federal do Paraná — Doutor Oscar Martins Gomes — Aluno da 1.ª turma de Direito . . 1913-17 — Catedrático de Dir. Int. Privado 1945-63 — Professor Emérito pelo Cons.º Univ.º 1976 — Jurista e Escritor — Homenagem do Curso de Direito — Março 1976".

Com a presença de professores, alunos convidados e familiares do homenageado, coube ao professor Henrique Lenz Cesar falar em nome dos profesosres e alunos, justificando as razões da homenagem.

A seguir, o professor Oscar Martins Gomes proferiu sua oração de agradecimento.